

Representação e Educação Linguística de Professores de Línguas: Revisitando Algumas Concepções Teóricas

Representation and language teacher education: revisiting some theoretical conceptions

Lívia M. T. Rádis Baptista*

*Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador- BA, 40170-115,
e-mail: liviarad@yahoo.com

RESUMO: Neste texto trato da ideia de representação, discutindo como essa se traslada para a da representação linguística e em que esse movimento contribui para a compreensão do objeto língua como um território de saber atravessado por uma perene reformulação e ressignificação de sentidos. Para tanto, revisito o próprio conceito de representação (Far, 2011; Jodelet, 2000, 2001; Moscovici, 1976, 1978, 2009; Sá, 1996; Zarate, 2010) e passo a problematizar o seu deslocamento para o de representação linguística (Arnoux e Del Valle, 2010; Boyer, 1996, 2003; Calvet, 1998; Houdebine-Gravaud, 2002; Petitjean, 2009), articulando conceitos como o de imaginário (Pesavento, 1995;) e atitudes linguísticas (Dominique Lafontaine, 1997; Fasold, 1984; Saville-Troike, 1989). Interessa-me, ao longo deste texto, levantar algumas questões de natureza teórica e conceitual com o fim de promover um debate em torno da dimensão simbólica e, mais notadamente, de como essa pode ser relevante para a redefinição das práticas dos sujeitos, no caso de professores de línguas, situando-as no âmbito da educação linguística de professores.

PALAVRAS-CHAVES: Representação; educação linguística; língua

ABSTRACT: In this text I deal with the idea of representation, discussing how this translates to that of linguistic representation and in which this movement can contribute to the understanding of the language object as a territory of knowledge crossed by a perennial reformulation and resignification of meanings. For this, I revisit the very concept of representation (Far, 2011; Jodelet, 2000, 2001; Moscovici, 1976, 1978; Sá, 1996; Zarate, 2010) and proceed to problematize their shift to linguistic representation (Arnoux and Del Valle, 2010, Boyer, 1996, 2003, Calvet, 1998, Houdebine-Gravaud, 2002 and Petitjean, 2009), articulating concepts such as the imaginary (Pesavento, 1995) and language attitudes (Dominique Lafontaine, 1997, Fasold, 1984, Saville-Troike, 1989). It is interesting to me, throughout this text, to raise some questions of a theoretical and conceptual nature that can promote a debate around the symbolic dimension and, more importantly, how this may be relevant to the redefinition of the subjects' practices, in the case of teachers of languages, placing them within the scope of the language education of teachers.

KEYWORDS: Representation; Language education; language



Este texto surge como desafio de refletir sobre a relevância da linguagem, em sua dimensão discursiva e ideológica, no que tangem à construção e à mediação do conhecimento profissional de professores de línguas em formação no contexto contemporâneo. Com esse fim, me volto para as representações linguísticas, situando-as no universo do imaginário linguístico, enfatizando sua inter-relação com as atitudes linguísticas e seus impactos para a educação linguística dos professores. Nessa discussão tomo como crucial a dinamicidade da relação entre sujeitos, subjetividades e construção do conhecimento, visto que os sujeitos conferem e mobilizam sentidos tanto ao longo de seus processos formativos iniciais quanto nos demais processos de socialização dos quais participam como profissionais em exercício. Sendo assim, um dos objetos do processo de (re)significação por parte dos sujeitos diz respeito ao entendimento/percepção da e sobre a língua, entendida como um objeto de conhecimento inseparável da configuração da identidade linguística que vai se conformando ao longo da trajetória profissional e formativa. Nesta direção, são diversas as dimensões a partir das quais esse objeto pode ser compreendido, entre as quais, por exemplo, destaco a curricular, relacionada ao que se considera como componente curricular e como disciplina escolar; a simbólica ou imaginária, relacionada às *representações* desse objeto como apreensível e compreensível pelos sujeitos; a epistemológica, relacionada ao que se considera relevante ensinar e aprender; a metodológica, relacionada à prática docente; a identitária, relacionada ao ser profissional e, ainda, a contextual, relacionada aos espaços de ação docente. Dada a complexidade da problemática delineada, neste trabalho abordo a dimensão simbólica ou imaginária e proponho discuti-la tendo em vista um conceito que acredito ser fundamental, qual seja, o de representação, especialmente, o de representação linguística e imaginário linguístico.

Essa dimensão simbólica traz implícita a problemática em torno dos valores atribuídos pelos sujeitos à língua, enquanto objeto de conhecimento, ou seja, como representação; sendo considerado aqui como valor simbólico o exercido nas práticas de linguagem que legitimam determinadas visões de língua, ou ainda, ideologemas¹.

¹ Para Arnoux e Del Valle (2010), baseados em Marc Angenot (1982), os ideologemas se referem a lugares comuns, ou ainda, máximas que funcionam como pressupostos do discurso identificadas como dominantes em dada época, em um campo discursivo ou em uma instituição. De acordo com esse viés, ideologemas e naturalização das representações da linguagem se conectam, por isso a importância de considerar como os sistemas linguísticos-ideológicos se apoiam em determinados ideologemas ou se articulam a partir deles. No caso do glotopolítico, por exemplo, os autores citam os seguintes exemplos: uma nação se define pela

Portanto, é nesse quadro que insiro as reflexões acerca da dimensão simbólica referida inicialmente, e, com destaque, para aquela delineada como de natureza ideológica, a saber, no âmbito das representações linguísticas, tendo como epicentro o entendimento da língua como objeto complexo e multifacetado. A compreensão dessa dimensão simbólica requer revisitar em que consistem as representações dos sujeitos e com esse fim proponho tratar das contribuições de campos que dialogam entre si a fim de proporcionar elementos para a inteligibilidade da citada dimensão.

Nesse texto retomo o conceito de *representação* (Far, 2011; Jodelet, 2000, 2001; Moscovici, 1976, 1978, 2009; Sá, 1996; Zarate, 2010), salientando o seu deslocamento para o de representação linguística (Arnoux e Del Valle, 2010; Boyer, 1996, 2003; Calvet, 1998; Houdebine-Gravaud, 2002; Petitjean, 2009) e articulando esse último com o imaginário linguístico (Pesavento, 1995) e a atitude linguística (Dominique Lafontaine, 1997; Fasold, 1984; Saville-Troike, 1989). Em seguida, considerando central nessa discussão a dimensão simbólica e o contexto da educação linguística dos professores de línguas, defendo a relevância de problematizar como as representações linguísticas sofrem esse processo de naturalização e, portanto, como é fundamental que os sentidos plasmados se tornem mais explícitos para os sujeitos, com o fim de gerar rupturas ou deslocamentos quanto à compreensão desse objeto, o que justifica a necessidade de problematizar como essas integram o imaginário linguístico e como podem levar a determinadas atitudes linguísticas.

REPRESENTAÇÃO: UM CONCEITO EM PERMANENTE ELABORAÇÃO

O conceito de representação tem se manifestado ao longo da história como válido e recorrente em várias disciplinas e, apesar das alterações sofridas, mantém ainda em comum a ênfase no significado como imprescindível para o entendimento dos fenômenos humanos e sociais. Dadas as diversas possibilidades de compreensão acerca desse conceito, optei pelas contribuições da Psicologia Social e da Linguística, focalizando seus

posse de uma língua circunscrita ao seu próprio território; as sociedades tecnologicamente avançadas possuem línguas superiores; a defesa das línguas minoritárias deve ser sempre progressiva; as línguas são livres e iguais em direito; todas as línguas, tal como as espécies, possuem direito à vida e devem ser protegidas e a diversidade linguística é uma riqueza que deve ser defendida. Sendo assim, a imposição de um novo ideograma se dá quando se naturaliza o enunciado, por meio da generalização e da aceitação até que se bloqueie a possibilidade de sua leitura crítica ou problematização.

desdobramentos para o campo da linguagem e o da educação linguística de professores de línguas. Pretendo explicitar, desse modo, como entendo o conceito de representação, sem esgotar, contudo, as possibilidades teórico-metodológicas dos distintos campos em que esse conceito integra, mas que distam dos propósitos que me interessam aqui. Com essa finalidade, organizo este texto em duas sessões: na primeira delas trato do conceito de representação a partir do olhar da Psicologia Social e na segunda no campo da linguagem, notadamente, dos estudos sobre representação linguística e imaginário linguístico. Meu intuito é o de problematizar como a representação, enquanto conceito e objeto, pode ser deslocada para a educação linguística dos sujeitos e para a formação de professores de línguas, tendo em vista a dimensão simbólica e imaginária referida ao princípio deste texto por mim.

TEORIA DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL: O VIÉS DA PSICOLOGIA SOCIAL

A noção de representação surge com Durkheim, em 1898, no seu estudo sobre a natureza e a articulação entre representações individuais (pertencentes a domínio da Psicologia) e representações coletivas (pertencentes ao domínio da Sociologia), que acabou por estabelecer a base do que se denominou Sociologia das representações. Contudo, foi no campo da Psicologia Social que o conceito de representação foi redefinido da forma como atualmente é apresentado e, posteriormente, trasladado para a didática de línguas e para o campo da linguagem. Dai, portanto, a relevância que assumem para a definição desse conceito e seu construto as contribuições oriundas da Psicologia Social, sobretudo, os trabalhos de Moscovici (1961, 1976) que, baseado em Durkheim (1898), propôs a teoria classificada como uma forma sociológica de Psicologia Social (Farr, 2011, p. 38). Diferentemente do aventado por Durkheim, Moscovici considera o conceito de representação dinâmico, uma vez que postula que essas se constituem tanto como uma maneira de interpretar e comunicar como de produzir e elaborar conhecimentos. Desta ótica, a substituição de representação coletiva por *social* pressupõe uma mudança de foco quanto à explicação do conhecimento e das crenças de um grupo para o da explicação da produção do conhecimento pelos grupos sociais².

² Surgiram posteriormente outras perspectivas teóricas que contribuíram para aumentar a relevância e abrangência e a consequente especialização de alguns conceitos da teoria psicossociológica inaugurada por Serge Moscovici. Essas teorias não provocam uma ruptura com a proposta desse teórico, mas, ao contrário, Volume 19
Número 44

O termo representações sociais, conforme Sá (1996, p. 29), designa tanto o conjunto de fenômenos quanto o conceito que os abarca e, ademais, compreende a teoria construída para explicá-los, identificando um vasto campo de estudos psicossociológicos inaugurado por Serge Moscovici, por meio da sua obra seminal, *La psychanalyse, son image, et son public* (1961, 1976) sobre a representação social da Psicanálise mantida pela população parisiense em fins dos anos cinquenta, com o objetivo declarado de redefinir os problemas e os conceitos oriundos da Psicologia Social a partir do fenômeno das representações sociais.

Quanto ao conceito de representações sociais (doravante, RS), Moscovici (1978, p.39) observa a dificuldade de sua apreensão, uma vez que “se a realidade das representações sociais é fácil de captar, o conceito não o é”. Apesar dessa ressalva, o autor define RS como um conjunto de conceitos, proposições e explicações originado na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Para ele, equivalem, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais e podem ser vistas como a versão contemporânea do senso comum.

Em se tratando da explicação teórica das RS Moscovici (1978, p. 26) nota que se torna difícil a sua distinção de outros sistemas de pensamento coletivo, como é o caso da ciência e da ideologia, devido ao caráter peculiar da dimensão funcional do fenômeno, de sua gênese social, bem como do fato de elas serem socialmente compartilhadas. Assim, o termo RS deveria ser empregado para referir-se àquela modalidade de pensamento particular que possui por função exclusiva a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos na vida cotidiana.

Consoante essa perspectiva, Moscovici (1978, p. 26) considera que uma explicação adequada dos fenômenos de RS deve tratar de suas origens, de seus fins ou funções e, ainda, das circunstâncias de suas produções. Portanto, a ênfase recai sobre a produção das representações e suas dimensões constitutivas.

Para Moscovici (2009) a representação seguiria, por um lado, a linha do pensamento conceptual, passível de ser aplicada a um objeto ausente, de concebê-lo, de dar-lhe um sentido, simbolizando-o. Por outro lado, em termos de atividade perceptiva, focalizaria a recuperação desse objeto, conferindo-lhe concretude icônica, fato que o tornaria “tangível”. Por isso, Moscovici (2009, p. 65) considera que a representação tem duas faces indissociáveis como a frente e o verso de uma folha de papel: a figurativa e a

se constituem em abordagens de aspectos específicos como a de cunho mais culturalista de Jodelet (2000; 2001), o viés sociológico de Doise (1991; 1993) ou o estrutural de Abric (1994; 2003).

simbólica. Desse modo, toda figura possui um sentido e em todo sentido há uma figura. Os processos formadores da representação são dois: a objetivação e a ancoragem. A objetivação consiste na duplicação de um sentido por uma figura, por meio da qual se dá materialidade a um objeto abstrato. Já a ancoragem consiste na duplicação de uma figura por um sentido, pela qual se fornece um contexto inteligível ao objeto. De tal maneira, a finalidade das representações é tornar familiar o que não o é e nessa dinâmica de familiarização dos objetos, pessoas e acontecimentos intervêm os processos de objetivação e de ancoragem, intrinsecamente ligados um ou outro e modelados por fatores sociais.

A definição de representações sociais, como forma de conhecimento social, funda-se em três aspectos: a comunicação, a (re)construção do real e o domínio do mundo. Conforme Almeida (2005, p. 122-123), a comunicação se justifica porque as representações proporcionam aos sujeitos um código, por meio do qual eles nomeiam e classificam o seu mundo, como parte de sua história individual e coletiva. Entendidas, assim, como “moduladoras do pensamento”. A (re)construção se refere ao fato de que os sujeitos reconstroem a realidade cotidiana, já que as representações funcionam como guias de interpretação e organização da realidade, possibilitando elementos para que os sujeitos se posicionem diante dela e definam a natureza de suas ações sobre tal realidade. O domínio do mundo alude a que as representações são vistas como um conjunto de conhecimentos sociais que têm uma orientação prática e possibilitam ao indivíduo situar-se no mundo e dominá-lo. Esses três aspectos (comunicação, reconstrução do real e domínio do mundo) evidenciam o papel que as representações sociais assumem na dinâmica das práticas e relações sociais cotidianas e tornam explícitas as distintas funções assumidas pelas representações, conforme Almeida (2005, p.123).

Almeida (2005, p. 123) também aponta que as representações sociais assumem três grandes funções: função de saber, identitária, de orientação e justificadora. A função de saber se deve a que as representações sociais permitem aos sujeitos que compreendam e expliquem a realidade, construindo novos conhecimentos. Desse modo, torna algo novo assimilável e compreensível. A função identitária diz respeito a que situam os sujeitos e os grupos no campo social, contribuindo para a elaboração de uma identidade social e pessoal. A função de orientação se refere a que as representações orientam comportamentos e práticas, uma vez que prescrevem comportamentos ou “práticas obrigatórias”, pois definem o aceitável para cada situação, num dado contexto social. Por último, a função justificadora se refere a que as representações sociais possibilitam

justificar, posteriormente, os comportamentos e tomadas de posição. Dessa forma, reforça a diferenciação social, pois mantém e preserva a distância social entre grupos.

Sendo as *representações sociais* produções simbólicas constituem uma ponte entre o mundo individual e o social e, portanto, estudar a representação social implica investigar o que os sujeitos pensam sobre determinado objeto (natureza ou conteúdo da representação), por qual razão pensam (funções ou conteúdo da representação no universo cognitivo e social dos sujeitos) e como pensam (processos ou mecanismos psicológicos e sociais que viabilizam a construção ou a gênese do conteúdo). Em outras palavras, envolve três dimensões: a) a da informação que corresponde à organização dos conhecimentos que dado grupo possui sobre um objeto social; b) a das atitudes e práticas dos sujeitos em relação a esse objeto e c) a do campo representacional que remete à ideia, ao modelo social, ao conteúdo concreto e limitado do objeto de representação.

REPRESENTAÇÃO LINGUÍSTICA E IMAGINÁRIO LINGUÍSTICO: IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA

Nesta sessão discuto como o conceito de representação se traslada para o campo da linguagem e quais são as principais implicações desse deslocamento para a compreensão da língua enquanto objeto de representação, tendo presentes as dimensões citadas anteriormente.

O deslocamento do conceito de representação para o campo linguístico, no sentido que me interessa, deu-se nos anos sessenta, com o surgimento de estudos relacionados às atitudes e às representações linguísticas, os quais associavam contribuições da Psicologia Social da linguagem à Linguística e, mais particularmente, à Sociolinguística. Assim, os estudos que consideram indivíduos, línguas e seu uso iniciaram nos anos 60, voltados para a atitude linguística, entendida como uma disposição a reagir de modo favorável ou não a um dado objeto, no caso, uma língua. Nesta direção, se destacam os trabalhos de Wallace Lambert e seu grupo de colaboradores, cujo propósito foi o de medir o status das línguas inglesa e francesa no Canadá por meio de uma técnica que conhecida como *matched-guise*³. Essa técnica, destinada a mesurar atitudes linguísticas e representação

³ Segundo Lambert (1967, p. 93), o *matched-guise*: “[...] envolve as reações de ouvintes (referidos como juízes) a gravações de um número de falantes perfeitamente bilíngues lendo uma passagem de dois minutos uma vez em uma de suas línguas (ex.: francês) e, depois, uma tradução equivalente da mesma passagem em sua segunda língua (ex.: inglês). Grupos de juízes são levados a ouvir essas séries de gravações e a

linguística, em seu formato original ou modificado em alguns pontos, foi empregada amplamente no estudo das relações entre línguas e identidade étnica, avaliação de prestígio, status e distribuição diferencial de códigos, análise de percepção de diferenças dialetais, atitudes de professores com relação a minorias étnicas ou classes desfavorecidas, relacionadas a critério escolar bem como estudos referentes à predominância de um sistema sobre o outro em situação de línguas em contato. Outro referente importante são os trabalhos de Boyer (2003; 1996) sobre representações sociolinguísticas, aos quais me reporto a seguir, relacionando-os com os postulados de Arnoux e Dell Valle (2010) sobre ideologias linguísticas e representação.

Arnoux e Del Valle (2010, p.3), ao tratarem das representações ideológicas da linguagem, definem e situam as ideologias linguísticas em relação às distintas disciplinas dedicadas ao estudo contextual da linguagem como a Sociolinguística, Sociologia da linguagem, Antropologia linguística e Glotopolítica. Conforme os autores, para estudar o desenvolvimento e o funcionamento dos regimes de normatividade é indispensável identificar como objeto de análise as representações sociolinguísticas; daí a relação entre essas últimas e a ideologias linguísticas. De acordo com esse viés, as representações sociolinguísticas compreendem tanto os objetos representados como a apreciação desses. Por isso, por um lado, compreendem objetos linguísticos como línguas, variedades, falas, sotaques, registros, gêneros, modos de ler ou escrever, dentre outros, e, por outro, implicam as avaliações sociais desses objetos e dos sujeitos a esses associados. Como se nota a apreciação sobre os objetos está orientada e condicionada por determinados valores e significados a esse atribuídos, o que sugere, de forma clara, que essa avaliação é um gesto de intervenção, é uma construção, um posicionamento que demanda dos sujeitos a reavaliação das perspectivas de conhecimento sobre os próprios objetos. Sendo assim, as representações sociolinguísticas

[...] atuam na estruturação do contexto – para Bordieu incidem nas identidades sociais na medida em que instauram classificações que tornam visíveis os grupos para si mesmos e para os demais – e, como toda representação social, produzem uma “modelização do objeto, legível em, ou inferida, de diversos suportes linguísticos, comportamentos e materiais”.

Arnoux e Del Valle (2010,p.3) observam, ainda, que Boyer (2003) associa as representações sociolinguísticas a outras noções que operam no interior das distintas

avaliar as características da personalidade de cada falante tanto quanto possível, usando pistas de fala apenas”.

disciplinas que estudam a relação linguagem e sociedade tais como, por exemplo, as atitudes, entendidas como cristalizações da representação em condutas como a de atração ou repulsa frente a determinadas formas manifestas por lealdade linguística ou auto ódio; os estereótipos, simplificações e fixação de uma representação; imagem reprodução analógica que mantém a estrutura do objeto; opinião, verbalização de uma representação. Ainda para esses autores são múltiplas as formas por meio das quais se manifestam e se explicitam as representações sociolinguísticas⁴, seja em textos que regulam política e juridicamente os usos da linguagem (programas políticos, leis e regulamentos), seja nos que definem os objetos linguísticos (gramáticas, dicionários, livros de estilo), ou ainda, seja nos que tematizam (artigos de opinião sobre usos), nas imagens midiáticas associadas a determinados grupos de pessoas com determinadas formas de fala e na própria práxis linguística, entendida como ação na qual os interlocutores negociam suas identidades sociais. Desse viés, o campo em que podemos encontrar mostras dessas representações parece bastante dilatado e pode proporcionar material para estudo e reflexão no âmbito da educação linguística de professores.

Desse modo, para Boyer (1996), as representações sociolinguísticas constituem uma categoria das representações sociais, ou seja, ambas coincidem no sentido de que compartilham funções relacionadas à construção da identidade, reconstrução da realidade e função cognitiva e de orientação/justificativa de condutas e comportamentos, no caso, comunicacionais. Dessa forma, enfatizam as representações sociais das línguas, as representações linguísticas, os usos sociais das línguas e as representações dos usos sociais das línguas. Segundo Boyer as representações sociolinguísticas possuem um peso muito importante nas políticas linguísticas e na análise de situações comunicativas conflituosas, visto que são nutridas por valores sociolinguísticos, atitudes e ideologias. Depreende-se que as representações sociolinguísticas embora comparáveis às sociais, ou ainda, definidas como parte dessas se diferem das segundas pela especificidade de seu foco, qual seja, estão relacionadas aos usos sociais das línguas na dinâmica das práticas sociais. Esse ponto, portanto, é de particular interesse quando se trata de situá-las, ou seja, as representações sociais, do viés da Psicologia Social, e as representações sociolinguísticas – e, conseqüentemente, as linguísticas.

Ainda em conformidade com Boyer (1996) é preciso diferenciar o imaginário linguístico e o imaginário etnosociocultural. Nesta direção, no imaginário linguístico

⁴ Os autores situam a representação linguística na esfera dos regimes de normatividade imperantes, que assinalam valores diferentes aos usos linguísticos.

inserem-se as avaliações, opiniões, comportamentos, ideologias, mitos e sentimentos, fazendo parte dele as representações partilhadas. Já o imaginário etnosociocultural tem por objeto as auto representações sociolinguísticas, presentes no imaginário etnosociocultural coletivo. Desse modo, interessam não apenas a identidade do Outro ou as identidades, mas também as representações sociolinguísticas. As representações sociolinguísticas se associam à ideologia linguística, definida como conjunto de crenças a respeito da língua referidas pelos falantes para justificar o modo como eles percebem a língua, seus valores e seus usos; de tal modo, por sua vez, tal conjunto está conectado às representações culturais.

Ora, as ideologias aludem à língua e a conectam com as identidades, o poder, a ética, a moral e a epistemologia e, sendo assim, por meio dessas conexões robustecem formas e usos linguísticos e fundamentam as instituições sociais e conceitos basilares relacionados aos sujeitos e suas comunidades. Consoante Moore e Py (2011, p. 266), as ideologias linguísticas constituem um sistema de interpretação que provém uma justificativa para a existência da ordem social e contribui para a perpetração das relações assimétricas de poder enquanto sedimentam as bases para as formas e regras de ação. Brunetiere e Guellouz (2008, p.7-9), por sua vez, afirmam que o imaginário linguístico permite classificar e hierarquizar os discursos acerca da língua, por meio de diferentes categorias, denominadas normas. As normas subjetivas são o local em que se encontra o imaginário linguístico. Os sujeitos revelam, por meio da linguagem, suas relações com a língua e o mundo. Para esses autores, as mudanças discursivas, operadas pelas mudanças sociopolíticas, definem as visões de mundo.

Ainda tratando da relação entre ideologia e sistema de representações, (Arnoux e Del Valle, 2010, p. 4) observam que na última década do século XX, o estudo das representações da linguagem se enriqueceu com o desenvolvimento de uma nova categoria teórica, a saber, a das ideologias linguísticas. Retomando a relação estabelecida entre representação e ideologia por Althusser, em que a ideologia é um sistema com lógica e rigor próprios de representações (imagens, mitos, ideias ou conceitos) dotadas de existência e de um papel histórico no interior de dada sociedade, os autores salientam a relevância desse viés, chamando atenção, contudo, para a problemática que suscita a “ideologia”. Mencionam, por conseguinte, a ideologia como falsa consciência – visão marxista, da qual se afastam. Sendo assim, entendem as ideologias linguísticas inscritas em regimes de normatividade e consoante essa perspectiva os autores (2010, p. 6) reconhecem que essa se define como

[...] sistemas de ideias que articulam noções de linguagem, línguas, fala e/ou comunicação com formações culturais, políticas e/ou sociais específicas. Ainda que pertençam ao âmbito das ideias e se podem conceber como quadros cognitivos que ligam coerentemente a linguagem com uma ordem extralinguística, naturalizando-a e normatizando-a, também deve ser assinalado que se produzem e reproduzem no âmbito material das práticas linguísticas e metalinguísticas, de entre as quais apresentam para nós interesse especial que as exibem um alto grau de institucionalização. Neste sentido, a representação sociolinguística está associada ao que seria uma ideologia linguística, que, por sua vez, pode ser caracterizada como um conjunto de crenças sobre a língua a que os falantes aludem para justificar a forma como eles percebem a língua, o seu valor e os seus usos, portanto, está associada às representações culturais.

A representação sociolinguística está associada a ideologia linguística, que, por sua vez, se caracteriza como um conjunto de crenças sobre a língua a que os falantes aludem para justificar a forma como eles a percebem, o seu valor e os seus usos; portanto, está associada às representações culturais. Nesta direção, porém, particularizando as representações linguísticas, Pereira e Costa (2012, p. 174) chamam a atenção para a estreita relação existente entre essas e o que se configura como uma “matriz ideológica” que pode determinar, por exemplo, a legitimidade de uma variante linguística ou o privilégio de um dialeto regional frente às demais variantes. De forma similar, Calvet (1998, p. 158), citado por Mourato (2012, p. 9), contrapõe práticas linguísticas e representações, destacando que as primeiras aludem ao que os locutores produzem, enquanto as segundas simbolizam o modo como esses pensam suas práticas e as situam com relação aos demais falantes. As representações determinam o julgamento acerca das línguas e as atitudes em face de dessas; agem sobre as práticas, modificam a língua e são compostas pelo conjunto de imagens, posições ideológicas, crenças sobre as línguas e práticas linguísticas.

A noção de representação sociolinguística compreende tanto o que se denominam atitudes linguísticas e representação linguística bem como imaginário linguístico, por isso abordo, a seguir, cada um desses conceitos, deslocando-os para o campo da linguagem e, igualmente, para o ensino de línguas, com a finalidade de explicitar o entendimento sobre esses, correlacionando-os aos objetivos definidos para este trabalho.

Tratando das atitudes linguísticas, é consensual que são a manifestação da atitude social dos indivíduos, identificadas por centrar-se e aludir tanto à língua como ao uso dela feito em sociedade; aplica-se, assim, a uma ação, comportamento, postura em relação a uma língua. Conforme Dominique Lafontaine (1997, p. 56), a atitude linguística se refere

ao modo como os sujeitos avaliam línguas, variantes, variáveis linguísticas, locutores, expressando-se em línguas ou variantes linguísticas particulares. Já Giles, Ryan e Sebastian (1982, p. 7) consideram que as atitudes linguísticas constituem "qualquer índice cognitivo, afetivo ou comportamental de reações avaliativas em direção às variedades diferentes de língua ou de seus falantes".

Consoante Fasold (1984), os estudos relacionados às atitudes podem levar a uma compreensão sobre o que os sujeitos pensam sobre as línguas, na forma de determinadas valorações positivas ou negativas; ao que pensam sobre os falantes das línguas e dialetos e, ainda, a atitudes com relação ao futuro de uma língua. Para Fasold (1984, p. 158) os trabalhos sobre atitudes linguísticas enfatizam a relevância social da linguagem e assumem segundo esse autor (1984, p. 147-148) duas orientações: a mentalista e a behaviorista. A primeira compreende a atitude como uma intervenção variável a um estímulo e resposta, constituída de subpartes como a cognitiva, afetiva e conativa. Já para a segunda visão, as atitudes apresentam comportamentos ou respostas a certa situação; desse modo interessam as atitudes apreendidas a partir das respostas dadas, diante certos comportamentos ou certas situações. Para esse autor (1984, p. 176), as atitudes linguísticas integram o sistema ideológico, organizam e relacionam valores e crenças e comportamento a um conjunto de julgamento ético e estético.

Outrossim, conforme Saville-Troike (1989, p. 180) os estudos sobre atitudes linguísticas elucidam quanto às atitudes gerais sobre a linguagem e as habilidades da linguagem; exploram impressões estereotipadas sobre a linguagem, seus falantes e suas funções e voltam-se para as aplicações, para a escolha e o uso da língua e sua aprendizagem. É importante observar que as atitudes são adquiridas pelos membros de um grupo como parte da cultura ou processo de aculturação, portanto, não se fundam em fatos reais, mas resultam, muitas vezes, de crenças imotivadas, como sugere essa autora.

Quanto à representação linguística, para Petitjean (2009, p.60), é uma representação social da língua, conexas a um conjunto de conhecimentos não científicos, elaborados e compartilhados socialmente. Compreende dois níveis de representação linguística: um exterior à língua e que consiste na representação do falante com respeito à uma outra língua, e, outro interno, que consiste na representação do falante com respeito à própria língua. Já Pereira e Costa (2012, p. 172) assinalam que as representações linguísticas não correspondem a uma realidade objetiva, pois apontam para as práticas linguísticas, construindo, assim, "objetos discursivos, impregnados pelas condições nas quais foram produzidos"; daí, portanto, sua afinidade com a Sociolinguística, como visto.

Ora, as representações linguísticas podem ser consideradas, conforme sugerido por esses autores (2012, p.171), como “um conceito coletivamente construído acerca de uma língua, marcado tanto pela prática e pela memória discursiva de seus falantes quanto pela ideologia na qual estão inseridos”.

No tocante à representação no ensino de línguas, Zarate (2010, p.29-30) parte do conceito de representação na Psicologia Social, com o fim de compreender a relação existente entre língua e cultura materna e língua e cultura estrangeira e de propor um instrumento pedagógico que possa dar conta das diferenças e levar os aprendizes a refletirem sobre a relatividade de suas representações. Dessa ótica, as representações sociais não constituem um conjunto distinto de subjetividades, mas, ao contrário, são produzidas pelo trabalho social e coletivo, por meio dos agentes sociais que constroem seus modelos de conhecimento da realidade (Zarate, 2010, p. 29). Assim, pelas representações os sujeitos expressam seu pertencimento a um grupo, pois essas contribuem para o fortalecimento dos laços sociais e integram um processo de definição da identidade social (Zarate, 2010, p.30). Já para Castellotti, Coste e Moore (2001, p. 103), as representações são objetos construídos por meio da interação e graças à linguagem e a mediação dos outros, são observáveis em traços discursivos. Consoante Castellotti e Moore (2002, p.8), as representações desempenham um papel decisivo na manutenção das relações sociais, em termos de comportamento e de comunicação. Constroem-se a partir do meio social e são dinâmicas; a relação entre representação e linguagem se configura pelo fato de que é no âmbito da interação entre os sujeitos que se desenvolve o conhecimento linguístico (a representação linguística) e que emergem os traços discursivos das representações. Para Moore e Py (2011) as representações se evidenciam por meio do comportamento (no caso as atitudes linguísticas) e do discurso sobre a linguagem (no caso a língua). Desse modo, por meio do discurso sobre as línguas ou uma língua em particular, podem ser entendidas: a) a atividade oficial, que consiste na textual e formalização discursiva e prática das relações entre línguas e seus usuários, com o objetivo de desenvolver, manter, modificar ou destruir essas relações (tempo, espaço, área social); b) as imagens realizadas pelos diferentes atores sociais sobre a linguagem em geral ou sobre um determinado idioma, suas regras, suas características, o seu estatuto em relação a outras línguas, etc. e c) o status enunciativo dos discursos envolvidos (Moore e Py, 2011, p. 263). Ainda segundo esses autores, o estudo das representações pode lançar luz sobre os processos de transformação social, incidindo sobre as condições globais e locais que permitem aos falantes mobilizar os recursos de seus repertórios no plural,

decidir sobre os seus valores específicos, e negociá-los dentro de espaços temporais e históricos enraizados em uma memória coletiva, transmitida por todo um conjunto de mediadores institucionalizados (a família, a escola, as associações, a igreja, etc.) e em um reservatório comum de conhecimento (Moore e Py, 2011, p. 269).

Tratando desse tema, Coste (2001) propõe dois conceitos: o de auto-representação de uma língua, que corresponde à opinião sobre ela que os aprendizes detêm construindo imagens, e o de hetero-representação que se refere as representações sociais incorporadas pelos atores sociais, sujeitas a variações individuais.

Desse modo, as representações estão associadas à constituição das identidades, podem levar ao conhecimento empírico sobre o objeto e interferem no ensino de línguas, na medida em que podem influir sobre o interesse e a motivação dos sujeitos e, conseqüentemente, sobre as atitudes linguísticas. Por isso, podem condicionar as escolhas das línguas que se deseja aprender e podem modelar as atitudes dos aprendizes no que se referem aos seus sistemas avaliativos e perceptivos sobre o status das línguas, sobre seus usos, sobre a relação com os usuários (mais diretamente relacionado às representações sociolinguísticas) bem como sobre sentimentos de pertença, identificação com o grupo e valoração social, que podem ser integrados a dado imaginário linguístico. Dabène (1997, pp. 22-23) destaca esse ponto e observa que a opção por determinada língua leva em conta alguns critérios, entre os quais o de valorização nas representações dos estatutos das línguas. Portanto, a escolha da aprendizagem de outra língua pode se deve a fatores diversos, a saber, ao econômico, considerando o acesso que essa oferece ao mundo do trabalho, ao peso econômico e poder político dos países em que é falada; ao social, relacionado à apreciação de uma língua em função do nível social dos falantes, podendo possibilitar a promoção, e à ascensão social daqueles que a aprendem; ao cultural, interconectado ao prestígio de uma língua e à sua riqueza cultural; ao epistêmico, uma vez que a língua contém certo valor educativo; e ao afetivo, relacionado à empatia que surge entre os vários países e povos, relacionados a acontecimentos da História. Ora, esses critérios influenciarão as imagens que os indivíduos constroem ou reconstroem sobre as línguas, haja vista que o status de uma língua tem um efeito direto sobre as expectativas e atitudes dos aprendizes e, conseqüentemente, sobre suas condutas de aprendizagem (Dabène, 1997, p. 22).

É importante concluir dizendo que as noções de representação e a forma como são consideradas no ensino de línguas não se desvinculam da Psicologia Social e das Ciências da Linguagem, já que sua construção, funções, relação com o contexto social em que se

constroem e inserem são relevantes e são dimensões que devem ser levadas em contas para definição de seu conceito. A intersecção de diferentes campos disciplinares no estudo das representações mostra que esse conceito está em permanente construção e ressignificação tendo em vista a complexa relação entre os sujeitos, modelos de conhecimento, prática social e linguística, além do componente ideológico.

Acredito que algumas intersecções podem ser feitas entre a abordagem das representações, concretamente, a linguística com a dimensão discursiva. De fato, observando-se minimamente como as representações são construídas sempre no meio social, reconhecendo-se a importância da interação e dos processos de socialização vivenciados pelos sujeitos e a constituição das identidades docentes. Pode-se dizer que as representações linguísticas, como parte das sociais, integram sistemas complexos de conhecimento, que têm implicações no e para os sujeitos, no que concerne à sua identidade de grupo e à definição de seu sentimento de pertença aos grupos. Nesta direção, destaco que a forma através da qual os conteúdos das representações são definidos e orientados, afetados pela relação ideológica com o mundo social, com as normas institucionais e com os modelos ideológicos aos quais obedecem, depende do lugar que os sujeitos ocupam ou das funções exercidas por eles. Assim, como sugere Almeida (2005, p. 45) o intercambio social compreende determinações ligadas à estrutura e às relações sociais, sendo consubstanciado através da linguagem que, por sua vez, permite a formação de ideias e do vínculo com as identidades sociais. Neste sentido, as representações cumprem relevantes funções quanto à manutenção das identidades e do equilíbrio sócio cognitivo do grupo.

De acordo com esse viés, a representação linguística é um objeto de conhecimento em construção; um objeto simbólico e ideológico, de modo que para o entendimento de sua constituição e, conseqüentemente de sua emergência, torna-se necessário compreender como os sujeitos (re)significam seu entendimento sobre a língua, ou seja, seu conhecimento sobre esse objeto. Ressalto, assim, que por se tratar de representações linguísticas interessa enfatizar como os sujeitos, no caso particular da educação linguística de professores, percebem a língua, enquanto objeto curricular e simbólico, atribuindo-lhes valores e que ideologia linguística orienta a definição dessas representações. Interessa, portanto, avaliar se os sujeitos em suas interações com os demais modificam esse objeto, de forma que se pode aventar a hipótese de o dinamismo interno das representações, os processos interativos e os intercâmbios entre os sujeitos, podem promover deslocamentos quanto à compreensão desse objeto e levar a sua

ressignificação. Dessa forma, importa observar se constituem representações análogas oriundas de contextos formativos dispares, problematizando, conseqüentemente, lugares de fala e dimensões ideológicas e simbólicas.

Portanto, as representações, especialmente no campo linguístico, precisam ser pensadas considerando-se a dimensão das práticas linguísticas e as ideologias, no caso, relacionadas às línguas e à linguagem. Assim sendo, são uma forma de conhecimento produzido sobre as línguas, atravessado de e por ideologias e, ainda, como uma forma que pode orientar atitudes e práticas dos sujeitos, o que também se aplica às representações sociais. Daí, portanto, a relevância desse campo para a problemática das identidades, entre as quais, a linguística.

Por fim, assumir uma dimensão discursiva e ideológica implica considerar e avaliar o papel da linguagem na constituição e difusão do conhecimento linguístico, ou seja, da representação, o que sugere aceder ao modo como os discursos sobre essa são construídos nas diversas instituições sociais. Portanto, o lugar de fala⁵ dos sujeitos é um espaço de exercício e prática de poder e, desse modo, a ressignificação das experiências dos sujeitos, a partir dos lugares assumidos por eles, revela indícios da construção de um saber interpretativo sobre como esse sistema de conhecimento vai se reconfigurando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face do exposto, ou seja, da problemática que envolve a constituição do imaginário linguístico e da representação linguística no âmbito da educação linguística de professores, surgem questões tais, como, por exemplo, como se constitui o imaginário linguístico de futuros professores de línguas? Quais são as representações linguísticas de futuros professores de línguas? Que relação existe entre as representações linguísticas, as atitudes linguísticas e a constituição da identidade docente? De que lugares de fala os sujeitos enunciam e como a definição desses lugares revela seus posicionamentos sobre o ser e o tornar-se professor de línguas no contexto contemporâneo brasileiro, tendo

⁵ Entendo aqui por *lugar de fala* uma posição assumida pelos sujeitos ao enunciar. Sendo assim, está marcado por subjetivações, não está isento de posicionamentos de diversa ordem como a social, cultural, ideológico, de classe. Portanto, os modos de olhar e de perceber o mundo e a realidade estão orientados por essas dimensões e, desse modo, os *lugares de fala* evidenciam como os sujeitos se posicionam e se estabelecem as relações de poder.

presente a relação entre imaginário linguístico, representação linguística e identidades docentes?

Essas questões reforçam a relevância, necessidade e pertinência de estudar mais a fundo como se inter-relacionam o imaginário linguístico, a representação linguística e identidade docente e possíveis implicações em suas atitudes linguísticas, considerando, para tanto, contextos diversos tais como os que envolvem práticas plurilíngues e pluriculturais.

Com a finalidade de responder a esses questionamentos, sugiro que, enquanto grupo ideologicamente constituído, pode haver representações compartilhadas pelos sujeitos das diversas instituições formadoras, mas que ideologias diversas afetam a forma como essas se constituem dada às distintas percepções dessa língua no contexto global contemporâneo, de modo mais abrangente, e, de modo mais pontual, nos contextos de ensino e formativos dessa língua. De forma análoga, os modelos formativos que orientam à formação inicial podem contribuir para a manutenção de determinadas representações linguísticas, pois implicitamente reforçam certos pressupostos sobre a educação, ensino e linguagem.

Sendo assim, a análise das representações linguísticas dos sujeitos traz indícios de como esses constroem significados e mobilizam sentidos que acabam por conformar um complexo imaginário linguístico que pode condicionar a identidade profissional deles, uma vez que aponta para determinadas ações e práticas docentes no ensino dessa língua em seus contextos de atuação.

Portanto, identificar em que consistem as representações linguísticas dos sujeitos permite compreender como esses lidam com vários conflitos identitários, relacionados ao processo de profissionalidade e, mais particularmente, como se configura a relação desses sujeitos com a língua objeto de seu trabalho. Considero, por conseguinte, que esses são atores/agentes, mediadores das construções do conhecimento docente, em vários níveis, especialmente aqueles relacionados ao uso da língua e seu ensino e aprendizagem nos contextos formais e institucionais em que esse se concretiza, mormente no âmbito da escola básica.

Diante do mencionado, as representações linguísticas podem operar como guias de conduta para o desenvolvimento das ações em sala de aula, uma vez que orientam atitudes e práticas que impactam na ação dos profissionais em seus *lócus* de trabalho. Desse modo, tais representações podem, igualmente, sinalizar quanto às concepções

sobre língua/linguagem que gravitam e como essas podem ancorar atitudes e imaginários linguísticos, reforçando crenças e ideologias nem sempre tão explícitas.

REFERÊNCIAS

- ABRIC, J.C. *Méthodes d'étude des représentations sociales*. Ramonville Saint-Agne, Éditions Érès, 2003.
- ABRIC, J.C. *Pratiques sociales et représentations*. Paris: PUF, 1994.
- ALMEIDA, L.M. Representações sociais e prática pedagógica no processo de construção identitária. In: *Diálogos com a Teoria das Representações Sociais*. SANTOS, M.F.S.; ALMEIDA, L.M. (Orgs.). Maceió e Recife: EDUFAL/EDUPE, 2005.
- ANGENOT, M. *La parole pamphlétaire*. Paris: Payot, 1982.
- ARNOUX, E. N.; DEL VALLE, J. Las representaciones ideológicas del lenguaje. Discurso glotopolítico y panhispanismo. *Spanish in Context* 7: 1, p. 1-24, 2010. Disponível in: <https://www.gc.cuny.edu/CUNY_GC/media/365-Images/Arnoux-DelValle-SiC-2010-intro.pdf>. Acesso em 18.abr.2018.
- BOYER, H. *De l'autre côté du discours. Recherches sur les représentations communautaires*: Paris: Hartmann, 2003.
- BOYER, H. (Dir.) *Sociolinguistique. Territoire et objets*. Paris: Delachaux et Niestlé, 1996.
- BRUNETIERE, V.; GUELLOUZ, M. Overture. In: HOUDEBINE, A-M. De l'imaginaire linguistique a l'imaginaire culturel. In: *Travaux de sémiologie*, n.7, p. 7-9, 2008.
- CALVET, L.J. L'insécurité linguistique et les situations africaines. In: CALVET, L. J.; MOREAU, A.L. (Eds). *Une ou des normes? Insécurité linguistique et normes endogènes en Afrique francophone*. Paris: Diffusion Didier Erudition, 1998. p. 8-28.
- CASTELLOTTI, V.; COSTE, D.; MOORE, D. *Le Proche et le loitains des les représentations des langues et de leur apprentissage. Références, modèles, données et methods*. Paris: Didier, 2001. p. 101-131.
- CASTELLOTTI, V., MOORE, D. *Représentations sociales des langues et enseignements*. Strasbourg: Council of Europe, 2002.
- COSTE, D. De plus d'une langue à autres encore penser les compétences plurilingues? In: CASTELLOTTI, V.(Dir.). *D'une langue à d'autres: pratiques et représentations*. Rouen: Publications de l'Université de Rouen. Collection Dyalang, 2001. p.191-205.
- DABÈNE, L. Les Images des langues et leur apprentissage. In: MATTHEY, M.(Org.) *Les langues et leur images*. Neuchâtel: IRDP Éditeur, 1997. p. 17-23
- DOISE, W. Les représentations sociales. In: GHIGLIONE, C.; BONNET, J.F. RICHARD (Orgs.). *Traité de Psychologie Cognitive*. Paris: Dunod, 199, vol. II, 1991. p. 111-174.
- DOISE, W. Debating social representations. In: G.M.BREAKWELL; D.V.CANTER (Orgs.). *Empirical Approachs to Social Representations*. Oxford: Clarendon, Press, 1993. p. 157-170.
- DURKHEIN, E. Représentations individuelles et représentations collectives. *Revue de Métaphysique et Morale* VI. 1898. p. 273-302.
- FARR, R. M. Representações Sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). In: *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2011.
- FASOLD, R. W. Language attitudes. In: *The sociolinguistics of society*. Oxford: Basil Blackwell, 1984, cap.6, p.145-179.
- GILES, H.; RYAN, E.B.; SEBASTIAN, R.J. An integrative perspective for the study of attitudes toward language variation. In: GILES, H.; RYAN, E.B. (Ed.). *Attitudes towards*

- language variation: social and applied context*. London: Edward Arnold, 1982. cap. 1-19.
- JODELET, D. Présentation. Représentations sociales: contribution à un savoir socioculturel sans frontières. In: D. Jodelet; A.G.Tapia (Coord.). *Develando la cultura: estudios en representaciones sociales*. México:UNAM, 2000. p. 7-30.
- JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In.: JODELET, D. (Org.) *Representações sociais*. Tradução: Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17-44.
- HOUEBINE-GRAVAUD, A.M. L'Imaginaire linguistique, un niveau d'analyse et un point de vue théorique. In: HOUEBINE-GRAVAUD, A.M. (Org.) *L'Imaginaire linguistique*. Paris: L'Harmattan, 2002. p. 9-22.
- LAFONTAINE, D. Attitudes linguistiques. In: MOREAU, M. *Sociolinguistique, concepts de base*. Sprimont: Mardaga, 1997. p.56-60.
- LAMBERT, W. E. A social psychology of bilingualism. In: *Journal of Social Issues*, XXIII, n. 2, 1967.
- MOORE, D.; PY.B. Introduction: Discourse on Languages and social representation. In: ZARATE, G., LÉVY, D., KRAMSCH, C. (Dir.). *Handbook of multilingualism and multiculturalism*. Paris: Éditions des archives contemporaines, 2011. p. 263-270.
- MOURATO, S. F. T. *Representações da língua portuguesa por falantes de língua chinesa*. Dissertação de Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa. Universidade de Lisboa, 2012, 102 p.
- MOSCOVICI, S. *La Psychanalyse, son image et son public*. Paris:P.U.F., 1961, 1976.
- MOSCOVICI, S. *A Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MOSCOVICI, S. *Representações Sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 6ª edição.
- PESAVENTO, S. Em busca de uma outra história: imaginado o imaginário. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.15, n.29, 1995.
- PEREIRA, T; COSTA, D. Representação linguística: perspectivas práticas e teóricas. *Gragoatá*, Niterói, n.32, p. 171-188, primeiro sem. 2012.
- PETITJEAN, C. *Représentations linguistiques et plurilinguisme*. Thèse de doctorat des Université de Provence et de Neuchâtel, spécialité Sciences du langage, 2009.
- SÁ, C.P. *Representações sociais: teoria e pesquisa do Núcleo Central*. Temas em Psicologia, n. 3, 1996.
- SAVILLE-TROIKE, M. *The Ethnography of communication. Introduction*. Oxford: Basil Blackwell Ltd., 1989.
- ZARATE, G. *Représentations de l'étranger et didactique des langues*. Paris: Didier, 2010.

Data de recebimento: 05/09/2018

Data de aprovação: 03/12/2018